

INTERFACES ENTRE A FILOSOFIA DOS DOZE PASSOS APLICADOS NAS SALAS DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS DO BRASIL E DE PORTUGAL E ALGUNS ESTUDOS TEÓRICOS DA EDUCAÇÃO

LAS INTERFACES ENTRE LA FILOSOFÍA DE LOS DOCE PASOS EN LOS CUARTOS DE ALCOHÓLICOS ANÓNIMOS EN BRASIL Y PORTUGAL Y ALGUNOS ESTUDIOS TEÓRICOS DE LA EDUCACIÓN

INTERFACES BETWEEN THE PHILOSOPHY OF TWELVE STEPS ON THE ROOMS OF ANONYMOUS ALCOHOLICS IN BRAZIL AND PORTUGAL AND SOME THEORETICAL STUDIES OF EDUCATION

Joana Angélica da COSTA¹

Resumo

O texto aqui apresentado é um recorte da pesquisa de mestrado defendida em 2016 na Universidade Nova de Lisboa, em que se investigou os aspectos educativos do estudo em grupo da filosofia dos Doze Passos nas salas de Alcoólicos Anônimos – AA – nos contextos brasileiro e português, enfatizando as estratégias de educação em saúde e a educação do sujeito. Optou-se por focalizar, neste artigo, a articulação entre o estudo dos Doze Passos e os subsídios teóricos de Feuerstein (1980), Dewey (1959), Freire (1996) e Makarenko (1975). Os resultados desse estudo apontaram não só para o valor do conteúdo do texto dos referidos passos, mas especialmente, para o modo de trabalhá-los, lançando um olhar atento aos sujeitos implicados no

¹ Universidade Nova de Lisboa (UNL), Lisboa – Portugal. Doutoranda em Ciências da Educação. E- mail:emaildajoanaangelica@gmail.com

processo. Questões referentes ao valor das narrativas, ao não protagonismo dos que conduzem o estudo, à auto-gestão e à autonomia ficaram patentes, sinalizando, dessa forma, contribuições valiosas para todos aqueles que transitam em cenários educativos diversos.

Palavras chave: Educação. Alcoólicos Anônimos. Os Doze Passos.

Resumen

El texto que aquí se presenta es un extracto de la tesis de maestría defendida en 2016 en la Universidad Nova de Lisboa, que investigó los aspectos educativos del grupo de estudio de la filosofía de los doce pasos en las habitaciones de Alcohólicos Anónimos - AA en el contexto brasileño y el portugués, enfatizando las estrategias de educación en salud y la educación del sujeto. Se optó por centrarse en este artículo la articulación entre el estudio de los Doce Pasos y los subsidios teóricos de Feuerstein (1980), Dewey (1959), Freire (1996) y Makarenko (1975). Los resultados de este estudio apuntaron no sólo al valor del contenido del texto de dichos pasos, sino especialmente, para el modo de trabajar, lanzando una mirada atenta a los sujetos implicados en el proceso. Las cuestiones referentes al valor de las narrativas, el protagonismo no existente de los que conducen el estudio, la autogestión y la autonomía quedaron patentes, señalando de esa forma, contribuciones valiosas para todos aquellos que transitan en escenarios educativos diversos.

Palabras clave: Educación. Alcohólicos Anónimos. Los Doce Pasos.

Abstract

The present article is a cut of a masters research presented in 2016, at Universidade Nova de Lisboa, about the educational aspect of the philosophy of the Twelve Steps, in Anonymous Alcoholics rooms - AA in brazilian and portuguese contexts, emphasizing health and personal education strategies. In this article, there's a focus on the articulation of the Twelve Steps theory and the works of Feuerstein (1980), Dewey (1959),

Freire (1996) and Makarenko (1975). The results of this study show the content value of the Steps text, but moreover, the way to work them, by shedding a look at the subjects involved in the process. Narrative value, non protagonism from those who conduct the study, self-management and autonomy were shown, which show a valuable content of those who move across all the educational spectrum.

Key words: Education. Alcoholics Anonymous. Twelve steps.

INTRODUÇÃO

O alcoolismo é considerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) uma doença crônica, não havendo ainda cura e sim controle, sendo importante para isso que o paciente aprenda a conviver com ela e a controlá-la por meio de determinadas atitudes. O trabalho a ser feito com tais pacientes está intimamente relacionado à educação, já que geralmente o controle só de forma medicamentosa tem se mostrado insuficiente. Nesses casos se faz necessário instigar e promover uma mudança de estilo de vida, e isso é alcançado por meio de um processo educativo. O que se faz nesse momento é educação em saúde.

O conceito atual de promoção da saúde desenvolveu-se nos últimos trinta anos em uma reação ao aumento vertiginoso da cultura da medicalização em massa, com ínfimos resultados em detrimento de seu investimento. O primeiro documento oficial a usar o conceito de promoção em saúde, onde a educação faz seu papel, e a colocá-lo como prioridade nas políticas de saúde foi o Relatório Lalonde² (1974) no Canadá. Por sua vez, a Organização Mundial da Saúde (OMS) em

²O Relatório Lalonde, foi um relatório produzido em 1974 no Canadá, sob o nome de *A new perspective on the health of Canadians* (uma nova perspectiva da saúde de canadenses). É considerado o primeiro relatório governamental moderno no mundo ocidental a reconhecer que a ênfase em assistência médica sob um ponto de vista biomédico é errada, e que é necessário olhar além do sistema tradicional de saúde.

1969 define “Educação para a Saúde” como uma ação exercida sobre os indivíduos no sentido de modificarem os seus comportamentos, adquirirem e conservarem hábitos saudáveis, aprenderem a usar os serviços de forma criteriosa e estarem capacitados para a tomada de decisões que implicam a melhoria do seu estado de saúde.

Por esse motivo, o trabalho produzido se debruçou sobre a referida questão e, em especial, sobre a questão do alcoolismo e do seu controle por meio do estudo em grupo da filosofia dos Doze Passos, sugerida pela irmandade dos Alcoólicos Anônimos - AA³. No preâmbulo da publicação intitulada Alcoólicos Anônimos, (ANÔNIMOS, 2004, p. 4), a associação é assim definida:

Alcoólicos Anônimos é uma comunidade de homens e mulheres que partilham entre si a sua experiência, força e esperança para resolverem o seu problema comum e ajudarem outros a se recuperarem do alcoolismo. O único requisito para ser membro é o desejo de parar de beber. Para ser membro de AA não é necessário pagar taxas de admissão nem quotas. Somos autossuficientes pelas nossas próprias contribuições. AA não está ligado a nenhuma seita, religião, instituição política ou organização: não se envolve em qualquer controvérsia, não subscreve nem combate qualquer causa. O nosso propósito primordial é mantermo-nos sóbrios e ajudar outros Alcoólicos a alcançar a sobriedade.

A referida irmandade, como se designam, é um exemplo de controle através da educação em saúde, ainda não superada por nenhuma outra intervenção, em vista do seu tempo de atuação, sua dimensão territorial, sua consistência, seus prêmios e reconhecimentos recebidos.

O primeiro grupo foi criado em 1935, nos Estados Unidos da América, com a proposta de criar uma comunidade de entreadada para apoiar os que sofrem com o alcoolismo.

³ Sempre que for usado iniciais AA, se refere a Alcoólicos Anônimos.

Nascia então os Alcoólicos Anônimos-AA, que se difundiram por todo o globo, em uma clara indicação de que a dimensão puramente medicamentosa não estava dando conta da problemática que se apresentava. Tornava-se necessário uma abordagem multidisciplinar nesses casos. A educação em saúde ali se apresentava como uma dimensão que fazia a real diferença, tendo em vista 82 anos de trabalho respeitado que os grupos de AA têm desenvolvidos em todo o mundo até aos dias de hoje.

Dados sobre o início dos grupos de AA em Portugal: “A associação de Alcoólicos Anônimos é a mais antiga das associações de Doze Passos existente em Portugal, sendo o ano de 1972, a data da existência do primeiro grupo em Lisboa” (FROIS, 2009, p. 42).

No Brasil, os Alcoólicos Anônimos Brasil – AABR⁴, em seu website, apresenta registro documentado no livro de registros do grupo em que a data oficial de fundação do primeiro grupo de AA, se deu no Rio de Janeiro em 05 de setembro de 1947. Importante destacar que, mesmo sendo um país mais jovem que Portugal, o Brasil implantou o referido programa vinte e cinco anos antes que Portugal viesse a implantar o seu, muito possivelmente pela grande influência Norte Americana no Brasil nessa época.

Em um estudo publicado por Mota (2009), o AA contava com mais de 90 mil grupos locais em 175 países, e com o número estimado de mais de dois milhões de membros. Em mais recente publicação citada na página oficial do AA, contada do ano de 2012, os Alcoólicos Anônimos já se encontram em 180 países e com 114 mil grupos locais. A dimensão e o valor dos referidos grupos têm um alcance tão

⁴ AABR- Alcoólico Anônimo do Brasil- Grupo *on-line* de A A do Brasil.

grande que, na literatura⁵ do AA (2004)”, é referenciado o reconhecimento dado pelo Prêmio Lasker⁶ em 1951.

No que se refere à construção e ao estudo dos Doze Passos, o mesmo se deu a partir das experiências empíricas de dois alcoólatras que se ajudavam mutuamente. A publicação trazia um roteiro dividido em passos do qual acreditavam que, qualquer pessoa que os seguissem, conseguiria se manter sóbrios. A referida publicação também trazia depoimentos e história de vida de vários alcoólatras, de forma que se definiu como autoria do livro o grupo de AA. Essa foi a primeira das quarentas obras escritas e publicadas, a posteriori, tendo sempre como autor o grupo de AA.

O referido roteiro é considerado um programa de recuperação e reformulação de conceitos de vida, que se praticados como modo de vida podem contribuir por afastar a compulsão pela bebida de forma a tornar o indivíduo íntegro, feliz e útil. Há no discurso do grupo de que, quem estuda e trabalha diariamente o programa⁷, é capaz de ter um novo modo de vida tão almejada, como destaca Frois (2009). O estudo do roteiro dos Doze Passos é conhecido como uma abordagem evolucionária e multidisciplinar e que traz em seu bojo uma abordagem humanista com intervenção psicológica e educativa.

Diante desse quadro ficou patente que era imprescindível investigar que estratégias e quais os aspectos e particularidades pedagógicas existentes no referido estudo contribuía para que os mesmos tivessem resultados tão exitosos e por tanto tempo. Para isso empreendemos uma pesquisa qualitativa que

⁵ Publicação escrita pelos Alcoólicos Anônimos

⁶ O prêmio Lasker (em inglês: Lasker Award) é concedido desde 1946 a pessoas que realizam contribuições significativas à medicina, ou que realizaram serviços públicos notórios em medicina. É concedido pela Lasker Foundation, fundada por Albert Lasker e sua esposa Mary Woodward Lasker. Os prêmios são denominados “Prêmios Nobel da América”. Setenta e seis premiados com o Lanker Award receberam também o Prêmio Nobel.

⁷ Quando se referem ao programa, estão falando do roteiro dos Doze Passos.

utilizou como método para a coleta de dados a entrevista. Foram entrevistados um total de dez coordenadores do estudo em grupos da filosofia dos Doze Passos nas salas de Alcoólicos Anônimos, sendo cinco do Brasil e cinco de Portugal. Nossos objetivos centravam nas seguintes questões:

- Identificar os aspectos educativos e particularidades do estudo sistematizado da filosofia dos Doze Passos, que fazem com que o processo de construção do conhecimento aplicado pelo referido estudo, se mantenha por tanto tempo e de forma tão eficaz, na perspectiva dos coordenadores das salas de estudo do AA.

- Recolher informações e dados que se têm apresentado como mola propulsora para as experiências exitosas sobre o trabalho dos grupos de Alcoólicos Anônimos - AA, através do depoimento dos coordenadores das reuniões de grupo dos Alcoólicos Anônimos, no Brasil e em Portugal.

- Identificar que teóricos da educação oferecem suporte para a prática do estudo dos Doze Passos, mesmo que de forma empírica, a fim de poder apontar os aspectos relevantes e sua aplicabilidade em outros cenários pedagógicos.

NAS SALAS DE ESTUDO DOS DOZE PASSOS

Ao descrever de forma sucinta como acontece as reuniões de estudo depois dos preparativos de organização do espaço como, mesas, cadeiras, exposição das literaturas em mesas e paredes, destaca (FROIS, 2009, p. 77):

Em seguida, o coordenador anuncia as regras da reunião (por norma tem 90 minutos) e pede a cada um para falar na sua vez, tendo apenas que levantar o braço para solicitar o uso da palavra. Pergunta ainda se existe algum membro novo ou visitante. Caso haja algum presente, lhe é explicado que ele é “a pessoa mais importante naquela sala”, e que não intervenha ao longo da reunião, para que possa escutar o que os outros membros têm para dizer, sendo-lhe reservado os últimos 30 minutos.

Valioso modo de preparar e conduzir a reunião. Atenção em manter um ambiente organizado e de disponibilizar a literatura de forma a deixar à mão de quem quiser folhear, bem como comprar por preços módicos, em uma clara postura pedagógica. O primeiro livro publicado, o livro “Alcoólicos Anônimos” também chamado de “O livro azul”, contém o texto básico do programa de recuperação de Alcoólicos Anônimos, escrito em 1939, sendo sua primeira publicação em português datada do ano de 1965. No início de século XXI essa obra já estava traduzida em mais de 40 idiomas e dialetos. A literatura de AA está distribuída atualmente em cerca de 15 livros, 4 manuais e 30 folhetos / livretos. Em quase a totalidade deles, a autoria é dada ao grupo.

ROTEIRO DE CONDUÇÃO DO ESTUDO, APLICADO A CADA UM DOS DOZE PASSOS

A investigação se debruçou de forma pormenorizada em cada um dos Doze Passos e seus desdobramentos quando da condução e estudo realizado em grupo pelos coordenadores, sob a orientação da literatura de suporte para o mesmo fim. As publicações “Doze Passos e Doze Tradições” e Guia para Trabalhar os Passos de Narcóticos Anônimos”, de autoria do grupo de AA, oferecem uma visão da forma como é feito trabalho educativo com os referidos conteúdos.

Foi possível observar durante a pesquisa que toda a narrativa dos Doze Passos é escrita na primeira pessoa do plural “nós”, de forma a promover a unidade daquilo que todos têm em comum, ou seja a dependência química e a recuperação. No que se refere as perguntas que se desdobram quando da reflexão de cada passo, a pessoa do verbo muda e passa a ser usado a primeira pessoa do singular “eu”, de modo que cada um se pergunte a si mesmo e com isso, o processo de comprometimento e respostas sejam tão somente de responsabilidade de cada um que o responde. A pesquisa se debruçou não só ao estudo dos passos, mas como é feita a referida condução do mesmo, para que se pudesse identificar

modos, práticas e possíveis teóricos que contribuíram para tal processo. Importante salientar que o grupo de AA não menciona em nenhuma de suas publicações, qualquer teórico que viessem a nortear suas práticas, apenas destacando que tudo ali feito vinha de uma vivência de ensaio e erro. Por esse motivo quase todas as publicações são assinadas como autoria do grupo.

A clareza da textualidade, o tempo do verbo na sua narrativa e nas perguntas, a condução dos mesmos sendo apresentada de forma mediada por aqueles que coordenam o grupo, bem como o estímulo a pensar, são patentes durante todo o processo do estudo dos Doze Passos. Podemos observar a seguir os passos e seus desdobramentos durante o estudo:

1º. Admitimos que éramos impotentes perante o álcool - que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.

O primeiro passo é considerado a base do tratamento e consiste em um processo de reflexão prévia. Cada membro que deseja fazer parte do grupo tem que, necessariamente, admitir a sua impotência diante do álcool. Somente àquele que reconhece que precisa de ajuda pode se abrir a ela. Somente àquele que reconhece sua ignorância sobre o assunto em questão pode se abrir a qualquer que seja o aprendizado. Nesse momento se inicia o processo educativo com reflexões acerca do tema, bem como o processo de aprender a aprender, funcionam como mola propulsora na dinâmica educativa. Desencadeia a partir daí o processo de reflexão crítica tão bem fundamentada e descrita por Freire (1987) na sua pedagogia do oprimido, bem como a educação socrática quando visava a formação das consciências.

2º. Vimos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.

Esse é o primeiro passo que se relaciona a questão de um poder superior, traz a atenção para o elemento espiritual, no entanto sem dogmatismo ou imposições de qualquer espécie. O referido poder superior aqui não é designado com nenhuma

nomenclatura em específico. A palavra esperança é trabalhada nesse passo, o que nos leva a concordar com Freire (1987), quando colocava que o tempo do medo já passou e que agora começava o tempo da esperança. Esses questionamentos são novamente apresentados pelo coordenador em uma postura de mediação como preconiza Feuerstein (1980), com as ferramentas de EAM⁸.

3º. Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.

Nesse momento vemos o tempo e a ação na textualidade do verbo *decidir*, seguida da forma integralmente democrática quando se referem a “Deus, na forma em que O concebíamos”. A extraordinária expressão de liberdade e democracia tão bem defendida por Dewey (1959) aqui se apresenta. O poder superior passará a ser o que cada um entende como seu. Um programa espiritual e não religioso, onde os ateus têm também seu lugar. Novamente foi possível observar a brilhante condução do estudo, sem respostas fechadas e sim um convite a cada um formular as suas a partir de uma mediação de intencionalidade e reciprocidade preconizada por Feuerstein (1980).

4º. Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.

O inventário moral, o ato de refletir sobre si mesmo com coragem é uma das mais valiosas ações dentro do processo educativo dos membros de AA. Portasio (2008), destaca a história da educação nos primórdios da filosofia, quando imortalizando a frase: “Homem conhece a ti mesmo”, que teria sido elaborada por um dos sete sábios da Grécia antiga e estava esculpida no pórtico do Templo de Apolo em Delfos. O filósofo grego Sócrates (469 a.C - 399 a.C) já dizia: “a vida sem exame é indigna do homem”, e nesse mister, o inventário moral faz seu papel. O referido inventário é sugerido que depois de feito, seja lido em voz alta para si mesmo. Novamente um

⁸ EAM- Experiência de Aprendizagem Mediada.

convite a reflexão crítica, ao autoexame, sério e comprometido, trazendo à atenção para a formação humana do sujeito.

5º. Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.

O trabalho com o reconhecimento e admissão, bem como a autoavaliação das fragilidades é outro valioso ponto neste trabalho educativo conduzido pelos passos. Ser capaz de identificar e admitir as falhas e fragilidades é um grandioso passo que conduz além de um conhecimento de si mesmo, o conhecimento de onde se deve investir para o aprimoramento pessoal. Importante notar também que o assunto em questão, a fragilidade, deverá ser estudada, identificada, reconhecida e partilhada. O mundo de relação se abre assim como também a necessidade de saber lidar com ele. O conhecimento se estende além dos muros da sala, um conhecimento sendo convidado a ser experiência como preconiza Dewey (1959), bem como a mediação de transcendência, sendo aplicada conforme Feuerstein (1980).

6º. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.

Após identificar padrões de comportamentos e fragilidades reconhecidas e explicitadas agora o convite é a estar inteiramente pronto para seguir o passo. A literatura sobre o guia para trabalhar os Doze Passos dos N.A.⁹, descreve quando diz de “estar confiante de que Deus da nossa compreensão, removerá o que for preciso”. Aqui o trabalho com a espiritualidade no sentido de o ser humano buscar sentido, valor e confiança em algo não material como destaca Boff (2011) em sua obra sobre a espiritualidade.

7º. Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.

Quando se referem ao sétimo passo, a literatura destaca a relação com os demais e que embora os passos sejam autônomos, guardam em si uma relação estreita quando

⁹NA- Narcóticos Anônimos

da identificação das fragilidades, já mencionadas. Esses questionamentos vão apontando caminhos que deverão aos poucos serem estudados e refletidos.

8º. Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos causado danos e dispusemo-nos a fazer reparação a todas elas.

Na literatura AA (2004), o grupo destaca que o referido passo está intimamente relacionado a questão das relações pessoais. Aprender a viver com outro. Aqui também o trabalho de identificação dos danos causados, o que pede do membro do grupo o trabalho com a reflexão, comparação e identificação dos referidos danos. Percebe-se nitidamente o trabalho exaustivo de consciência em cada coisa a ser tratada. Também o trabalho com a pormenorização das coisas, o detalhamento e ao aprofundamento em tudo que se trata nas salas de AA, deixando claro o valor de não ser superficial em nada, nem tão pouco deixar nada sem ser claramente respondido e compreendido.

9º. Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem.

Este passo se apresenta como consequência do anterior. Uma clara indicação de reflexões sobre a prática do oitavo passo que traz junto com ele a atenção para a prudência e o cuidado na execução do mesmo. A questão da subjetividade das ações e suas consequências é resultado de um trabalho de estudo das ações que são sempre precedidas por perguntas reflexivas. Todo esse roteiro de perguntas são um suporte ao entendimento da prática de cada passo. A questão do bom senso é elemento a ser considerado mesmo que de difícil mensuração, o que nos leva a Elias (2002) sobre a obra de Freinet e sua pedagogia do bom senso.

10º. Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

Aqui o inventário pessoal torna-se um hábito regular, necessidade de repetição para melhor compreensão e fixação do que está sendo posto. Colocar a questão não como algo pontual, mas que deve fazer parte integrante da vida daqui por diante, é colocar o processo de aprendizagem como parte integrante da vida e aqui novamente de forma a transcender a outros tempos e cenários. Portasio (2008, p.32) no capítulo sobre educação e autoconhecimento, destaca a fala do mais influente pensador ocidental dos primeiros séculos da idade média, Santo Agostinho, reforçando a referida prática do décimo passo, corroborando com a prática do referido passo, quando diz:

(...) no fim de cada dia interrogava a minha consciência, passava em revista o que havia feito e perguntava a mim mesmo se não tinha faltado ao cumprimento de algum dever, se ninguém teria motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e ver o que em mim, necessitava de reforma.

11º. Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade.

Nesse passo há uma apropriação de conquistas já realizadas nos passos anteriores, onde aqui o que se traz é a questão de melhorar, aperfeiçoar o que já se tem. Nesse momento fica em evidência as conquistas e o percurso traçado pelos membros do grupo quanto aos passos anteriores de forma a reforçar o trabalho que tem sido feito, bem como o reconhecimento de que os esforços estão dando frutos.

12º. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos Alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

O referido passo funciona antes de mais nada como uma ação de retroalimentação do programa dos Doze Passos.

Aqui a auto-gestão preconizada por Makarenko (1975), contribuem para a manutenção e continuidade do grupo de estudos, bem como a assembleia de turma e as decisões nas mãos dos próprios membros do grupo, se vê de forma patente. O mediado passa a mediar como é destacado na mediação de compartilhar destacada por Feuerstein, Klein e Tannenbaum (1994).

O estudo de cada passo é seguido de diversas perguntas abertas e reflexivas, que servem como condução do processo educativo em questão. O processo reflexivo e crítico de mãos dadas para a compreensão do que se estuda. Almeida e Rodrigues (2002, p.120), na sua análise sobre os Doze Passos, concluem que “se a programação dos Doze Passos tem sido tão repleta de êxitos, é porque ela, mesmo sem disso dar-se conta, vem trabalhando com a dimensão da escolha, que permite que cada um possa, a todo momento, determinar seu destino”. Sem dúvida o trabalho com a liberdade e o respeito são fatores valioso para o processo de aprendizagem significativa.

É possível ver que epistemologicamente falando, os trabalhos educativos desenvolvidos nos grupos de AA, apresentam em suas práticas elementos e princípios em maior ou menor grau de diversos pensadores da educação, mesmo muito antes e/ou muito depois do modelo de trabalho nas salas com os Doze Passos terem sido desenvolvidos, conforme explicitado acima. No entanto é importante notar que aqueles que iniciaram e construíram o que é hoje o programa dos Doze Passos, não registram em nenhuma obra por eles publicadas, declarações mesmo que informais, sobre qualquer teórico que tiveram como referência para construção do programa. As declarações acerca do tema estão sempre relacionadas a uma construção coletiva a partir das práticas, do ensaio e erro e do conhecimento tácito.

Não há escola ou teóricos a seguir, no entanto é possível observar que há em seu fio condutor, teóricos e teorias na prática do estudo do programa dos Doze Passos nas salas do

AA. Fica a pergunta no ar: *como o referido modelo educativo tomou corpo e se desenvolveu sem apontar para nenhuma referência teórica? Embora comporte tantas delas, ainda mais quando é sabido que o referido programa dos Doze Passos não sofreu modificações no que cerne a filosofia, prática e forma de condução.* Durante a investigação identificamos de forma mais patente quatro teóricos que se fazem presentes nas salas de estudo de AA sob o roteiro da filosofia dos doze passos, como será apresentado a seguir.

REUVEN FEUERSTEIN E A EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO MEDIADA - EAM.

Foi possível identificar na dinâmica do estudo nas salas de AA, Feuerstein; Klein; Tannenbaum(1994) e sua teoria sobre a Experiência de Aprendizagem Mediada - EAM. A referida experiência requer a presença e a atividade de um ser humano para organizar, selecionar, interpretar e elaborar aquilo que foi experimentado. Essa presença e ação deve acontecer intencionalmente para desenvolver o estímulo entre o sujeito e o conhecimento. Feuerstein tem na sua base de estudos as influências do psicólogo bielo-russo Lev Vygotsky (1896-1934), considerado o precursor da ideia de mediação.

Feuerstein traz à atenção três critérios que são *Sine Qua Non*, para que haja de fato uma mediação. São eles: 1º- Mediação de Intencionalidade e Reciprocidade: intencionalidade por parte do mediador e reciprocidade perante o mediado focando na satisfação das necessidades do mediado; 2º- Mediação de Transcendência: transcendência da realidade concreta, “do aqui e agora” e da tarefa aprendida, generalizando para posterior aplicação da compreensão de um fenômeno aprendido em outros cenários e contextos; 3º- Mediação de Significado: construção (estimulada pelo mediador) de significados que permitam compreender a importância da aprendizagem e interpretar os resultados alcançados.

A mediação naturalmente proporciona ao sujeito mediado o exercício da autonomia, autonomia essa que ele

terá que aprender também a possuir e fazer uso, como tão bem defendeu Freire (1996), em sua pedagogia da autonomia.

Turra (2007, p.306) destaca que:

essa autonomia por sua vez leva o mediado a exercer naturalmente a função de mediador, quando consegue partilhar, descrever e aplicar a aprendizagem construída no momento em que procura resolver as tarefas propostas. Nesse caso o mediador possibilita ao mediado maior capacidade de comunicação estendendo-se às necessidades de outros sujeitos.

A função destacada pelo autor é claramente observada quando o alcoólatra em recuperação, seguindo as orientações do programa dos Doze Passos, inicia a aplicação do 12º passo onde ele “procura levar esta mensagem a outros adictos”, corroborando com a referida teoria. GOMES (2002)” destaca que a EAM, tem o seu foco no diálogo intencional entre o emissor e o receptor da mensagem e não especificamente no conteúdo das informações. O referido destaque nos leva novamente a Freire (1987) e à sua crítica ao conceito de educação depositária, chamando-a de *educação bancária*¹⁰.

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE DE JOHN DEWEY NA PRÁTICA DO ESTUDO DOS DOZE PASSOS.

Westbrook (1998) destaca as contribuições do filósofo norte-americano John Dewey para a educação, quando desenvolveu e advogava a unidade entre teoria e prática. O pensamento de Dewey baseava-se na convicção moral de que “a democracia e a liberdade de pensamento são instrumentos para a maturação emocional e intelectual das crianças”. Para ele a prática deveria está sempre em foco e estar unida a teoria.

¹⁰ Conceito criado pelo educador Paulo Freire para designar uma educação depositária de informações, onde o professor só fala e não escuta e onde não há possibilidade de diálogo e questionamentos críticos por parte dos alunos.

Importante notar que o processo de aprendizagem significativa que acontecem nas salas de AA, são exatamente essas, tendo em vista o fato de que elas precisam estar sendo aplicadas na vida cotidiana. Elas só se fazem de fato na prática e no enfrentamento de situações reais, experiências de “um dia de cada vez” - com costumam explicitar nas reuniões. De fato só se tornam prática cotidiana quando as mesmas têm significado para quem as pratica. Dewey não hesitava em afirmar que “a formação de certo caráter constituía a única base verdadeira de uma conduta moral” (DEWEY, 1897). Nos grupos de AA, foi possível ver a ressonância do referido teórico quando a atenção se volta para a educação do sujeito, o conjunto de seus hábitos e virtudes e a aplicabilidade no seu cotidiano.

Em outro momento (DEWEY, 1959, p.93) traz atenção a educação ministrada por um grupo, bem como a questão dos hábitos e aspirações do mesmo. É possível observar em seu texto a ressonância com o que acontece nos grupos de AA quando afirma que :

toda educação ministrada por um grupo tende a socializar seus membros, mas a qualidade e o valor da socialização dependem dos hábitos e aspirações do grupo. Para terem numerosos valores comuns, todos os membros da sociedade devem dispor de oportunidades iguais para aquele mútuo dar e receber.

PAULO FREIRE - A AUTONOMIA AO SERVIÇO DA LIBERDADE DE ESCOLHA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA.

Para FREIRE (1996), faz parte do pensar certo a rejeição de qualquer forma de discriminação, pois, pensar certo exige o risco do novo e ou do respeito ao novo. Por isso o pensar certo é uma ação dialógica que tem que ser produzida entre o fazer e o pensar fazer. Nos grupos de AA, o que é considerado regra é o fato de que ninguém pode se colocar fazendo juízo de valor de ninguém e que o comportamento de confronto diante das diferenças não encontram lugar nas salas estudo.

Nesse momento a democracia e a liberdade preconizada por Dewey (1959) faz ressonância, e aqui tem de estar de mãos dadas com o respeito às diferenças.

No que se refere a necessidade de apontar às demandas a respeito do ato de educar, (FREIRE, 1996, p.42) indica que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, quando destaca: “uma das tarefas mais importantes da prática educativa e crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se”.

Assumir-se para reconhecerem-se como agente ativo do processo de construção do seu próprio conhecimento. O primeiro passo do roteiro dos Doze passos diz respeito a esse “assumir-se”, pois traz a atenção para a responsabilidade individual quando do “reconhecimento da impotência diante da droga”¹¹. Freire (1996) diz ainda que: “o mundo não é, ele está sendo” (p.39). Nesse momento coloca cada um como agente do processo de construção do conhecimento, agentes da sua própria história e por isso capaz de mudá-la se assim o desejar, par a passo com a teoria e a prática. O exercício da autonomia sendo apontado e estimulado. O homem agente do seu próprio processo de construção. Prática exercida nas salas de AA.

ANTON MAKARENKO: O COLETIVO COMO PEDRA FUNDAMENTAL

Sua atenção estava voltada para pôr em prática o ensino que privilegiava a vida em comunidade e a participação da criança na organização da escola. Concebeu um modelo de escola baseado na vida em grupo, na autogestão, no trabalho e na disciplina, contribuindo para a recuperação de jovens infratores. Para ele os alunos devem ter voz. A eles eram dados o direito de voto nas decisões que diz respeito a sua dinâmica social e escolar onde transitavam. O espírito de grupo e

¹¹ 1º passo: Admitimos que éramos impotentes perante o álcool - que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.

noção do valor da coletividade eram a tônica desse valioso educador, onde alí deverá ter liberdade para opinar e votar em assembleias para decisões da própria escola. Estreita ligação é possível observar nos elementos trabalhados diariamente nos grupos de AA durante seu processo de educação do sujeito, assim como defendia Makarenko (1975).

CONCLUSÃO

Na investigação no âmbito da dissertação de mestrado ora apresentada, foi possível observar a função de excelência da educação em saúde aplicados do estudo sistematizado da filosofia dos Doze Passos nas salas de AA. A educação em saúde se apresenta de mãos dadas com a educação do sujeito, quando foi possível identificar e articular com teóricos das ciências da educação que oferecem subsídios para a referida prática. Ficou patente as contribuições de quatro teóricos que alinham com as práticas educativas de promoção da saúde e da educação do sujeito nas salas de AA como: Feuerstein (1980), com a educação mediada, Dewey (1959) com a atenção voltada a liberdade e a prática, Freire (1996) com a pedagogia da autonomia, os diversos saberes e a criticidade e Makarenko (1975), com a defesa do coletivo e assembleia de turma.

A referida investigação se deslocou da atenção voltada a educação em saúde para a educação do sujeito, o que evidenciou a patente fragilidade no nosso cenário educativo convencional. No estudo empírico, foi possível levantar, na perspectiva dos coordenadores de estudo da filosofia dos Doze Passos nas salas de Alcoólicos Anônimos do Brasil e de Portugal, as impressões e compreensão a respeito dos aspectos educativos e sua dimensão prática na vida dos que se apropriam e fazem uso do mesmo. Os resultados apontaram na sua grande maioria para questões relacionadas à compreensão de mundo e a forma de se mover nele, bem como o modo como os conteúdos são tratados e trazidos à tona.

Foi possível observar que os quatro teóricos que a pesquisa trouxe a lume, tiveram significativa relação com as práticas educativas nas salas de Alcoólicos Anônimos, quer seja no Brasil ou em Portugal. Embora os membros dos Alcoólicos Anônimos não pretendessem apresentar teorias que justifiquem o modo como estudam e como conduzem os grupos de estudo, e que por sua vez tem tanto êxito e alcance por tanto tempo em detrimento de muitas outras estratégias, o fato é que quando apontaram para o que é relevante, inevitavelmente mostra o que não é.

E isso se evidencia quando a atenção se volta para o valor de um modelo onde todos podem se colocar de forma democrática e livre como preconiza Dewey (1959), e onde a hierarquia vertical, tão conhecida pelos educadores, está fadada ao fracasso. E se muitos educadores ainda não entenderam isso, não demorará muito para entender, mesmo que a duras penas. Talvez o modelo hierárquico vertical, rígido e depositário, tão bem apontado por Freire (1996), quando sua crítica a educação de depósito de informações ou *Educação Bancária*, tenha acarretado dificuldades que, só quando o indivíduo se sente capaz de optar por novos lugares de aprendizagem, o faz, diferente de onde esteve.

O fato é que existe saída, e se impõe naturalmente uma necessária reflexão crítica atualmente. A pedagogia de Freire (1996), sobre a criticidade e a autonomia é um imperativo que não tem volta e por isso a associação anônima de Doze Passos dos Alcoólicos Anônimos tem cumprido de forma tão eficaz o seu papel.

O conceito de irmandade e não protagonismo por parte dos que *a priori* detêm o saber, foi apresentado de forma ostensiva pelos coordenadores de grupo de estudo, lançando o olhar para o conteúdo a ser trabalhado e não a personalidade ou o personalismo de quem o conduz. Uma crítica ao distanciamento entre o professor e o aluno. Uma aprendizagem que os professores precisam de fato estar investidos se quiserem ir além da borda que lhes cerca. A questão da autoridade para

mediar o processo de aprendizagem, dentro das salas de AA, está relacionada com a experiência, ela é a grande mestra que é capaz de contribuir para uma aprendizagem significativa. O professor nesse momento está ao serviço do saber e, como diz Silva (2007, p.119), ele é “o arquiteto de pontes entre os saberes e as pessoas” .

Durante toda a pesquisa, quer seja bibliográfica ou o estudo empírico, foi possível observar a educação muito mais como uma questão social do que puramente pedagógica, a partir dela é que os outros saberes são capazes de se fazerem entender. A atenção para o indivíduo que irá ou não fazer uso desse conteúdo é imperativo. Afinal de nada vale o conhecimento encerrado, sem aplicabilidade, sem uso prático e cotidiano, se ele não exerce uma função na vida de quem o detém. Ter consciência disso , bem como a aplicabilidade prática dos conteúdos é que o torna poderoso e o válida para novas situações.

Foi possível a partir do estudo empírico identificar como o aspecto mais relevante é a liberdade de expressão. Nela a construção de narrativas, que funcionam como grande mola propulsora para a construção do conhecimento de si e do outro, nos levou a reflexões filosóficas sobre a natureza das narrativas como processo de reflexão pedagógica e como processo de formação de Ricoeur (2010). A história de vida e formação cumprindo seu papel e trazendo a atenção para o fato de que todos têm contribuições significativas para a construção do seu próprio saber; afinal ninguém é uma folha em branco.

Outro destaque dado pelos coordenadores diz respeito à existência de uma estrutura hierárquica horizontal, auto-gestão, exercício da prática, ambiente que facilita a criação de vínculos e sentimento de pertença, corroborando com os teóricos por nós apontados, que vieram a oferecer mesmo que de forma empírica, contribuições ao estudo da filosofia dos Doze Passos. Portanto, foi possível observar que, em seu cerne, o trabalho com a educação desenvolvido nos grupos de

AA, está relacionado a «aprender a aprender» e a «aprender a ser». Não só fomentar a aquisição de saberes mas também a aquisição de competências e novas atitudes, comportamentos e modo de vida comum, simples e cotidiano, o que faz dele ser uma aprendizagem significativa. Afinal se o saber não está ao serviço de quem dele se apropria de nada há valia e significado.

Ficou patente a necessidade de se estar atentos ao que orienta e o que não orienta a ação e para isso a necessidade de se estar vigilantes às necessidades dos alunos, seu contexto e modo de se mover no mundo. Muito mais do que o que vai ser tratado em sala, ressalta o como vai ser tratado e porquê vai ser tratado.

Propor a partir da pesquisa uma equação com as especificidades encontradas nas práticas educativas nas salas de AA, seguindo o roteiro similar ao que acontece nas mesmas; e serem aplicadas em outros cenários educativos, foi um intento da mesma. No entanto, ficou patente a dificuldade em mensurar o que é trabalhado nas referidas salas, em virtude do trabalho estar intimamente relacionado ao modo de conduzir e tratar o conteúdo. O que acontece nessas salas se relaciona a um processo contínuo de aprende a aprender, e aprender a ser, em uma relação carregada de subjetividade e que naturalmente pede a contribuição dos chamados “aprendentes” dentro do referido processo. Não há questões fechadas a não ser o respeito as diferenças de entendimento e opiniões.

O que foi possível assinalar e recomendar, como fator imprescindível para que toda a construção do conhecimento se faça em outros cenários de aprendizagem, diz respeito à possibilidade de se poder expressar livremente, sem censuras ou amarras. A escola precisa estar preparada para acolher e instigar a construção de alunos autônomos e críticos inclusive com a sua prática, e para isso é necessário ter um educador pronto para tal experiência.

Esta investigação não esgota todas as possibilidades da mesma, até porque as especificidades educativas, apontadas pelos coordenadores de grupo de estudo sistematizado

dos Doze Passos nas salas de AA, não representam algo novo. Os teóricos apontados na pesquisa, já traziam as suas contribuições que discorriam sobre o valor das especificidades apontadas pelos mesmos. No entanto ter podido lançar luz sobre um modelo de educação em saúde, existente há 82 anos, com resultados antes não alcançados por nenhuma escola ou corrente pedagógica, possui grande significado e é de grande valia para os nossos cenários educativos ainda tão frágeis e inseguros a fim de que possam servir de inspiração. É preciso pensar a vida e transcender para fora dos muros da escola. Deve ser esse o papel das ciências da educação, e para isso ela deve estar a serviço e aberta.

REFERÊNCIAS

ALCOHOLICS, A. W. S. I. **Alcoólicos Anônimos**. Lisboa: ed. Associação Alcoólicos Anônimos de Portugal, 2004.

ALMEIDA, L. P.; RODRIGUES, T. J. **Liberdade e compulsão: uma análise da programação dos doze passos dos Alcoólicos anônimos - Psicologia em estudo**, Maringá, V.7 P.113-120, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a12>. Acesso em: 15 de março de 2016.

BOFF, L. *Experimentar Deus - A transparência de todas as coisas*. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

ELIAS, M. D. C. Célestin Freinet - uma pedagogia de atividade e cooperação. São Paulo: Vozes, 2002.

DEWEY, J. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. 3ª ed. São Paulo: Nacional, 1959.

DEWEY, J. **Como pensamos**: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo; uma reexposição. 3ª ed. São Paulo: Nacional, 1897.

FEUERSTEIN, R. **Instrumental Enrichment**. Baltimore. Md: University Park Press, 1980.

FEUERSTEIN, R.; KLEIN, P.S.; TANNENBAUM, A. J. **Mediated learning experience (MLE)**: Theoretical,

Psychosocial and Learning Implications. London: Freund, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Terra e Paz, 1996.

FROIS, C. Dependência, Estigma e Anonimato nas Associações de Doze Passos. 1ª edição. Lisboa: Topografia Guerra, 2009.

GOMES, C. M. A. Feuerstein e a Construção Mediada do Conhecimento. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MAKARENKO, A. **Poemas Pedagógicos**. Lisboa: Livros Horizonte, 1975.

MOTA, L. A. Dependência química e representações sociais: pecado crime ou doença? Curitiba: Juruá, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, OMS. **Classificação Estatística Internacional de Doenças**, 7ª edição, v. 3. São Paulo: EDUSP, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, OMS. **Boletim da Organização Mundial de Saúde**, 40. Genève: 1969.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. 1. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SILVA, I. M. O professor como mediador. **Cadernos de Pedagogia Social**. Ano 01 p. 19. Porto: Porto, 2007.

TURRA, N. C. **Reuven Feuerstein**: Experiência de Aprendizagem Mediada: Um salto para a Modificabilidade Cognitiva Estrutural. Revista da Educação Vol 2 nº4 Jul/Dez p. 297-310- ISSN 1809-5208. 2007.

WESTBROOK, R. B. **Pragmatism and democracy**: Reconstructing the logic of John Dewey's faith. In The revival of pragmatism. Durham, NC: edited by M. Dickstein, 128-141. Duke University Press, 1998.

AGRADECIMENTOS

Aos grupos de Alcoólicos Anônimos, essa valiosa irmandade que com 82 anos de existência, espalhados em mais de 180 países, têm educado mais de dois milhões de alcoólatras em todo o mundo. A Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas- FCSH da Universidade Nova de Lisboa – UNL, minha mestra, minha orientadora. Seu exemplo diário de coerência e beleza na prática docente, bem como seu encorajamento, seriedade e comprometimento, me anima a alma e me faz ter esperança.

Submetido em: 01/03/2019

Aprovado em: 12/04/2019

